

Sedução — novela por José Marmelo e Silva. Edição Portugália, Coimbra.

Num país como o nosso, em que todos querem ser poetas, em que não há livro de novo que não seja de clássicos versinhos, quando aparece um jovem que tenta a prosa e, nesse livro, se abalança a tratar assuntos de profundo humanismo, momentosos e desconcertantes, esse jovem mostra imediatamente, nessa atitude de compreensivo interesse pelos terríveis problemas da actualidade, que não é uma pessoa banal.

E' o caso de José Marmelo e Silva. Em *Sedução*, que o autor apelida de *novela* mas que, em nosso entender, com mais propriedade poderíamos classificar de *algumas páginas de um diário*, está tratado um tema forte, sugestivo e ao mesmo tempo inquietante: a tragédia íntima de uma ra-

pariga deselegante e feia que viu passar o tempo da sua juventude sem que um único homem a requestasse e, após a passagem consecutiva dos anos—já tinham passado os trinta, viu esfumarem-se a pouco e pouco todas as esperanças que depositara no amor. E, instintivamente, germinou-lhe no peito um vago ódio ao homem, ódio ao macho que foi aumentando. E o seu irmão ia observando, com raivosa e inquietação, como ella se metia nas amigas esse ódio—até por elle próprio!...

Sedução é, como já disse, um livro emocionante e humano. E' pena que o autor, no final, numa atitude incompreensível, modificasse o ritmo que desde o principio lhe imprimira e se tornasse retórico e quasi paradoxal.

Dá a impressão de que insustado com o que dissera antes, vem pedir desculpa ao leitor por o ter enganado: **parecia mesmo mas afinal não era.**

Pode bem dizer-se que José Marmelo e Silva é um nome de quem se pode esperar algo pois, com *Sedução*, se revelou possuidor de notáveis qualidades de escritor que lhe auguram, nas letras portuguesas, brilhante futuro ao lado de outros novos que ora aparecem dando as suas provas.

De José Marmelo e Silva, que publicou já um livro—ficamos esperatido a confirmação das qualidades que em *Sedução* lhe notamos.

M. A.

L I V R O S B R A S I L E I R O S

No Extremo Oriente
— O Japão — por Moreira Guimarães.

O Japão está na ordem do dia. As desavenças dêle com a China occupam a primeira página dos periódicos.

Não obedece, contudo, o presente livro a especulações editoriais: saído dos prelos em 1908, foi reeditado no ano passado quando o Extremo Oriente ainda não andava a ferro e fogo.

Escrito por um militar illustre—o sr. General Moreira Guimarães—que observou o império do Sol Nascente no periodo em que se preparou a guerra com a Rússia, e durante ella, o volume apresenta-nos dêste povo admirável sobretudo as suas virtudes mi-

litares, até quando nos fala de outros aspectos da vida japonesa. Será isto falta de maleabilidade na visão do autor? Parece-nos que não, mas antes porque, observando, mesmo de longe como nós, o Japão moderno, o que nelle domina, por detrás do perene e enigmático sorriso, tam bem lembrado pelo autor, é realmente a alma militar. Falar do Japão, tal como da Alemanha, é falar da força.

Isto, parece-nos, devia trazer outro problema pouco tratado pelo sr. Moreira Guimarães, e é o de saber se o desenvolvimento desmedido da força militar não prejudica o desenvolvimento social do país; de resto, o aspecto social do Japão é o menos tratado neste livro, certamente porque em 1908 não sangrava o mundo tanto como hoje por causa dêle: a fome e a miséria, se haviam já pegado em armas, não se tinham ainda feito sangrar no embate com a opulência. Se o livro fôsse escrito hoje, a questão social constituiria talvez o capítulo mais interessante dêste livro de observação de quasi todos os aspectos da vida japonesa.

Não é o autor, como Wenceslau de Moraes, um seduzido, mas um simpatizante dêsse Extremo Oriente cheio de energia transformadora e de encantos feiticeiros. Povo de armas e de rosas, civilizado e bárbaro, em que tudo, virtudes e defeitos, se pode observar em grau elevado, é descrito pelo sr. General Moreira Guimarães, sobretudo pelo lado bom, optimista; páginas interessantes e demonstrativas do que pode a vontade de um povo cientificamente aproveitada e inteligentemente dirigida são as últimas em que nos aparece o abismo entre o Japão de ontem e de hoje, numa das transformações materiais mais rápidas que a história regista.

Dissemos transformações materiais, porque a impenetrável alma faz a ligação profunda entre essas duas épocas. Como na Rússia de Pedro o Grande, mudou o exterior das cidades e da vida e dos homens, mas a alma japonesa permanece a de ontem, pronta a aflorar ao primeiro embate das paixões da guerra, por exemplo: a civilização dos espiritos não se faz a correr, como se fez a transformação material.

Para ver as várias fases da vida dêste povo, não faltaram ao autor, nem dotes para observar, nem para exprimir lhe faltam as palavras, e pena é que de vez em quando desfeiem as páginas frases equívocas como, por exemplo esta: «Havia, como seu empregado,

um inglês um pobre originário da aristocracia do Japão». Mas isto são defeitos que não impedem o agrado na leitura dêste livro interessante e útil para o conhecimento daquêle país misterioso para o nosso espirito occidental, e que só bem raros têm conseguido penetrar um pouco.

RAUL DO REGO

Pela segunda vez, ao Sr. António Sérgio

(Continuação da página cinco)

tia, a respeito do «folhetito» de Carnap, Otto Cuzzer:

«Les limites d'un bref compte rendu ne permettent pas la discussion et la critique des idées expresses dans cet ouvrage...» para a compreensão das quais «une mentalité de logicien - théoricien particulière, différente de la logique scientifique, est nécessaire».

Terá enfim compreendido o Sr. Sérgio o que são os «folhetitos para alunos de liceus»? Suponho bem que ainda não...

Mas há mais e muito mais, sobre os desdenhados empiriológicos: bastará o Sr. Sérgio dar-se ao trabalho de lêr o artigo da *Scientia*, W. CCCVIII, 1937, intitulado: «La nouvelle encyclopédie de l'empirisme scientifique», a propósito do *Unity of Science Movement*, isto para não sairmos do campo das Revistas gerais; porque se quiser consultar as especializadas, como o *Erkenntnis*, é bem possível que o Sr. Sérgio fique tontinho de todo...

Einstein julgado pelo Sr. Gago Coutinho; Carnap e a Escola de Viena julgados pelo Sr. Sérgio!

Caimos na pura Revista de Ano... Repitamos com Eça: «Faz falta aqui uma atmosfera intelectual onde a alma respire...»

Creia, Sr. Sérgio, que tudo isto é imensamente triste, e prodigiosamente ridículo... Tudo isto são resultados do «filosofismo fácil», que o Sr. Sérgio cultiva... E' êste o fundo da questão, e do «Bluff» Sérgio.

Não, Sr. Sérgio, sinceramente lho digo, não é possível tomá-lo a sério...

Transcrições

«Vamos Lêr!», revista brasileira, transcreve de «Sol Nascente», no seu último número chegado até nós: *Um dos grandes criadores da Pedagogia*, do nosso colaborador Cardoso Júnior.

«O Diário do Alentejo» transcreveu o nosso eco *Protecção à Infancia*.

Agradecemos.

A N T O L O G I A

(Continuação da página sete)

Dai resulta que o aniquilamento total de toda a substância do Universo existente só encheria o espaço com energia na proporção de $1,35 \times 10^{10}$ ergs por centímetro cúbico. Esta quantidade de energia chega apenas para elevar a temperatura do espaço, do zero absoluto a uma temperatura muito inferior à do ar liquido; só produziria um aumento, na temperatura da superfície terrestre, duns seis milavos de grau centígrado. A razão, pela qual é tão extraordinariamente débil o efeito de aniquilar todo um Universo, consiste, indubitavelmente, no facto de o espaço estar extraordinariamente vazio de matéria; procurar aquecer o espaço pelo aniquilamento de toda a matéria é o mesmo que procurar aquecer uma habitação queimando uma mota de pó aqui, outra acolá. Relativamente à quantidade de radiação que provavelmente pode ainda ser emitida do seu interior, a capacidade do espaço é a dum poço sem fundo. Com efeito, pelo que nos deixa ver a observação científica, é muito possível que a radiação de milhares de universos mortos possa ainda estar a propagar-se pelo espaço, sem que o suspeitemos.

Tal é o final das coisas a que, segundo a ciência actual deve inevitavelmente chegar o Universo material em época remota, a não ser que entretanto varie o curso da Natureza.